

PERCEPÇÃO DOCENTE ACERCA DO ALUNO INTELIGENTE E CRIATIVO Teacher's perception of intelligent and creative students

CHIODI, Marcelo Gulini¹

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

FARIAS, Eliana Santos de²

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

WECHSLER, Solange Múglia

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO: Objetivou-se avaliar a percepção de professores de escola pública e privada, sobre inteligência e criatividade. Contou-se com uma amostra de trinta e oito docentes (N=38; n=15 escola particular; n=23 escola pública) de ensino fundamental e médio da cidade de Campinas, SP. Elaborou-se um questionário próprio para este fim, que contava com 4 questões abertas, direcionadas para a compreensão dos professores, referente inteligência e criatividade e, sobre características de aluno inteligente e criativo. Com a análise do conteúdo foram possíveis encontrar nas respostas 5 categorias: pensar e raciocinar, fazer e transformar, memória, biológico, atitude e comportamento e, por fim, o uso da estatística descritiva. Os resultados apontaram que os professores compreendem os talentos avaliados como uma habilidade mais relacionada com o pensar e raciocinar, do que inteligência, ao passo que, o fazer e transformar estão mais associados com a criatividade. Com relação às características do aluno inteligente, os professores de escola pública apontaram com maior frequência, a habilidade de pensar, ao contrário dos professores de escola particular, que enfatizaram o fazer e transformar como característica mais acentuada. Ao que se referem às características do aluno criativo, ambos os professores de escola pública e particular, parecem acreditar, que ter atitudes e comportamentos diversificados, sejam marcantes no aluno criativo.

Palavras-chave: Desenvolvimento de Talentos; Inteligência; Professores.

¹ Agradecimentos ao CNPq pelo apoio financeiro. Contato: gulinichiodi2003@yahoo.com.br

² Agradecimentos a CAPES pelo apoio financeiro. Contato: elianass@gmail.com.

ABSTRACT: We aimed to evaluate how public and private school teachers perceive intelligence and creativity. We investigated a sample of thirty-eight primary and secondary school teachers (N = 38; n=15 private school; n=23 public school) of the city of Campinas (SP) by means of a questionnaire we developed on our own. It included four open questions on how teachers understand intelligence and creativity, as well as the features of intelligent and creative students. A content analysis allowed us to identify five categories (thinking and reasoning, doing and transforming, memory, biology, attitude and behavior) and to perform the descriptive statistics. The results showed that the teachers understand the assessed skills as ability. Thinking and reasoning is associated to intelligence, while doing and transforming are rather related to creativity. Regarding the features of intelligent students, public school teachers mostly mention the ability to think, whereas private school teachers highlight doing and transforming as the most outstanding feature. Regarding the features of creative students, both public and private school teachers seem to believe that diversified attitudes and behaviors are the most typical features of creative students.

Keywords: Intelligence; Talent development; Teachers.

INTRODUÇÃO

Inteligência, igualmente, compreendida como capacidade mental, já foi um conceito considerado de muita utilidade pelos Psicólogos, mas, ao passar do tempo, considerando tanto aplicação teórica como prática, percebeu-se ser um conceito ainda controvertido (YEHIA, 1987).

A intelectualidade elevada está relacionada à qualidade alta do funcionamento cognitivo do sujeito, inteligência; questão que, tradicionalmente, em outra área do conhecimento, a Medicina (Neurociência), por vezes, atua como parceira à Psicologia. Na Medicina são considerados importantes os estudos da estrutura da Mielina dos neurônios e do funcionamento mais

otimizado do cérebro, como causas possíveis para capacidade superior. Em um dicionário especializado a American Psychological Association (APA), propõe-se mais de dez tipos possíveis de cognição (VANDENBOS, 2010).

Segundo Kline (2000) e Carroll (1993), um dos estudiosos que contribuiu de maneira significativa, para os estudos das habilidades intelectuais foi Cattell, que em 1971, propôs a existência de duas maneiras de compreender a inteligência, Fluida (f) e Cristalizada (c). A Inteligência Fluida estaria mais direcionada a processos lógicos e raciocínio não verbal, enquanto a Inteligência Cristalizada, avaliaria habilidades desenvolvidas a partir de experiências vivenciadas, diariamente, ou aprendidas na educação formal e ou cultural. Baseado na proposta de Cattell, Horn (1991) elaborou um modelo multidimensional, para a compreensão das habilidades intelectuais, que ficou conhecido como Cattell-Horn, o qual descreve uma complexa exposição do esquema hierárquico das capacidades intelectuais e foi preparado, pelas correlações entre as capacidades primárias de Thurstone e o fator g da Teoria Bi-Fatorial de Spearman, verificando a existência de dois fatores gerais. Posteriormente, John Horn confirmou os estudos de Cattell e os fatores gerais passaram a ser conhecidos como “Inteligência Fluida e Cristalizada” (Cattell, 1998).

Gustafsson (1988) aponta que o modelo conhecido como Cattell-Horn, teve como base, a análise fatorial das matrizes de correlação, que emerge, hierarquicamente, a partir de três níveis, ou seja, as capacidades específicas (fatores primários de Thurstone), que estão situadas no nível inferior, posteriormente, surgem dois fatores principais, que Cattell-Horn denomina Inteligência Geral Fluída e Inteligência Cristalizada situados no nível superior ou secundário e, por último, no terceiro nível, aparece um fator único (geral e comum), que ocupa o lugar mais relevante da hierarquia (o ápice) e que corresponde ao fator g definido por Spearman.

Um segundo autor, que apresentou o fenômeno da Inteligência, fazendo uso de um modelo teórico muito semelhante ao de Cattell, foi John B. Carroll, conhecido como um dos eruditos mais nomeados e, tecnicamente, avançados no campo da análise fatorial das capacidades cognitivas humanas. Este autor

buscou integrar em um modelo saturado, todas as investigações fatoriais das habilidades intelectuais (ANDRÉS-PUEYO, 2006). Neste estudo, Carroll fez um mapeamento das pesquisas realizadas nos últimos 60 anos, selecionou 1500 artigos dos quais obteve 461 conjunto de dados, que constavam quase todos os mais importantes e clássicos estudos da Estrutura da Inteligência feitos pela abordagem Psicométrica. Posteriormente, realizou uma re-análise, utilizando métodos de análise fatorial mais avançado, que resultou um produto final, que foi publicado em seu livro, conhecido como a Teoria dos Três Estrados (PRIMI, 2003).

Os modelos teóricos elaborados por Carroll e Horn-Cattell possuem grandes semelhanças entre si, pois ambos analisam a existência de capacidades gerais relacionadas à Inteligência Fluida (Gf) e Cristalizada (Gc), Memória a Curto Prazo e/ou Aprendizagem (Gsm ou Gy), aos Processamentos Visual (Gv) e Auditivo (Ga ou Gu), à Recuperação (Glr ou Gr), à Velocidade de Processamento (Gs) e à Velocidade de Decisão e/ou Tempo de Reação, representados por CDS e Gt (MCGREW & FLANAGAN, 1998).

Flanagan e McGrew (1997) destacam que mesmo havendo diferenças entre os dois modelos teóricos, foi possível sintetizar estas duas importantes perspectivas da teoria Gf-Gc, originando o que, posteriormente, ficou conhecido como Modelo Cattell-Horn-Carroll. Neste sentido, a moderna teoria Gf-Gc, melhor representada pelo modelo de Horn-Cattell e pela Teoria das Três Camadas de Carroll, foram em 1998, integradas por McGrew e Flanagan (1998) criando-se a Teoria de Cattell-Horn-Carroll – CHC das Habilidades Cognitivas.

Primi (2003) aponta que o modelo de Cattell-Horn-Carroll – CHC consiste em uma visão multidimensional com dez fatores vinculados às áreas amplas do funcionamento cognitivo; habilidades que se associam aos domínios da linguagem, raciocínio, memória, percepção visual, recepção auditiva, produção de idéias, velocidade cognitiva, conhecimento e rendimento acadêmico.

Segundo Flanagan e McGrew (1997), a identificação das habilidades cognitivas de forma multidimensional e a adição de informações de diferentes tipos de instrumentos para a avaliação cognitiva é de extrema importância, todavia não seria apropriado, restringir-se somente a medidas de habilidades intelectuais. Instrumentos para a avaliação da criatividade, leitura e escrita, também podem proporcionar informações essenciais para a elaboração de futuros construtos.

Há ainda quem pondere sobre Criatividade, como sendo um correlato da Inteligência, considerando, especificamente, a capacidade de pensamento convergente e divergente. Ainda assim, entende-se mais, simplesmente, por Criatividade, a capacidade do sujeito em produzir produtos novos e/ou soluções de problemas. Assim, a Criatividade “nasceria” da necessidade em resolver um problema, independente de sua dimensão (STRATTON e HAYES, 2003).

Apesar da dificuldade em entender o construto da Criatividade em separado ou não ao da Inteligência, Torrance – um dos pesquisadores de maior expoente na área, teve seus testes traduzidos ao menos em 38 idiomas – criou o teste Torrance de Pensamento Criativo (TTPC), um instrumento para mensurar o potencial criativo do sujeito, desenvolvido em 1966, com revisões apresentadas em 1974, 1984, 1990 e 1998. Há duas formas de medida da criatividade, verbal (A-B) e o figural que, somente este, foi revisto. O TTPC é altamente recomendável para uso educacional, inclusive sendo usado, às vezes, para indicar estudantes dotados, embora também, seja usado no contexto corporativo. Torrance afirmou que a educação escolar reduz a Criatividade da criança (KIM, 2006; STRATTON e HAYES, 2003).

Em um relatório assinado por Ferrari, Cachia e Punie (2009) referente à União Européia, enfatizam a necessidade de considerar (e desenvolver) a Criatividade na educação dos jovens; listam alguns motivos, como por exemplo: com o surgimento de novos recursos midiático, no que toca a Tecnologia, pode ser usado, para que os alunos possam explorar de modo criativo e promover melhor uso, cotidianamente, corroborando para a aprendizagem, formal e/ou informal do sujeito; uma vez que inseridos em um

ambiente rico em estímulos, o uso criativo, destes recursos, influencia os alunos a aprender e compreender de diferentes modos, devendo assim, os docentes, desenvolver abordagens criativas e descobrir novos métodos e novas soluções e práticas, para prender a atenção do alunado. Estes autores entendem a Criatividade, como um modo de criação de conhecimento, que implica em repercussões positivas para aprendizagem, corroborando na autonomia de vida, deste sujeito. Compreende como um potencial de todos, de tal modo que, pode ser desenvolvida, desde que estimulada, igualmente, inibida e, a este fato atribuem o papel do educador como figura protagonista e importante.

Assim, objetivou-se, neste estudo, avaliar a percepção de professores de escola pública e privada, sobre Inteligência e Criatividade, considerando inclusive, que entendam o que é características de alunos inteligentes e criativos.

MÉTODO

Participantes: A amostra foi composta por 38 professores, sendo 15 de escola particular e 23 de escola pública, as quais são de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo.

Instrumentos: Elaborou-se um questionário contendo quatro questões abertas, com o objetivo de avaliar a percepção dos professores sobre Inteligência e Criatividade e quais as características do aluno inteligente e criativo. A primeira questão foi direcionada ao que compreendiam por Inteligência, na segunda, solicitou-se descrever as características do aluno inteligente, na terceira, o que entendiam por Criatividade e, na quarta e última questão, as características do aluno criativo.

Procedimentos: O primeiro passo para a elaboração da pesquisa foi sortear, aleatoriamente, duas escolas, sendo uma pública e outra particular. Após o sorteio, enviou-se uma carta para o Diretor de cada escola, solicitando a permissão para a realização do trabalho, bem como uma explicação sobre o

objetivo do estudo. Após a permissão, solicitou-se uma reunião com os professores, para explicar a pesquisa e, cada qual, recebeu um questionário, para responder no prazo de uma semana. A devolução realizou-se, pessoalmente, entre os pesquisadores e participantes, não havendo o intermédio da direção da Instituição e, todos os itens estavam de acordo com a resolução 196/96 (BRASIL, 1996), bem como, com as normas do comitê de ética em pesquisa com seres humanos, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

RESULTADOS

Após a leitura dos questionários entregue pelos professores, separou-se o conteúdo de cada questão por grau de proximidade das respostas, diferenciando os de escola pública e os de escola particular e, de acordo com a compreensão obtida, foi possível distinguir cinco categorias gerais, para a classificação dos conteúdos analisados.

A primeira categoria ficou denominada de Pensar/Raciocinar, que abrange respostas relacionadas à habilidade cognitiva de pensar, raciocinar, compreender, dar soluções a problemas, aprender, pensamento crítico, refletir, estabelecer relações, analisar e facilidade de entendimento.

A segunda categoria ficou denominada de Fazer/Transformar, que abrange respostas relacionadas a tudo que indica um movimento como: agir, realizar, transformar, fazer algo novo, criar, inovar, realizar tarefas cotidianas com coerência, desenvolver bem as atividades, agir de forma ativa frente ao novo, criar suas próprias expressões e realizar trabalhos brilhantes.

Na terceira categoria, denominada de Memória/Quantidade de Conhecimento, inclui-se aquelas respostas mais direcionadas ao uso da memória de trabalho, na qual fizeram parte, respostas como: boa memória, facilidade de assimilação, absorve bem as idéias, aprender de tudo que é ensinado, ter mais conhecimento do que os outros, gravar bem as aulas e outros.

A quarta categoria ficou denominada de Biológico, que abrange respostas direcionadas ao desenvolvimento singular de cada indivíduo, na qual fizeram parte, respostas como: ouvir, potencial a ser desenvolvido, capacidade intelectual de cada um, aquilo que já vem com a pessoa, maturidade, atenção, concentração, percepção e um dom.

Já a quinta e última categoria ficou denominada de Atitude/Comportamento, que se refere a todos os nossos comportamentos e atitudes dentro de um determinado ambiente e, as respostas enquadradas são direcionadas a motivação, organização e postura, observadores, dedicados, perspicazes, espertos, caprichosos, detalhistas, competentes, instigantes, participativos, questionador, seguro, tranquilo, eficaz, expõe idéias e boa relação social.

De acordo com os resultados obtidos e analisados por categorias, podemos observar na Tabela 1 que os professores de escola pública, percebem a inteligência mais como uma habilidade cognitiva de Pensar/Raciocinar, com pouca ênfase das características, que constam de outras categorias. Ainda nesta mesma tabela, os professores de escola pública parecem perceber as características do aluno inteligente, voltadas para as categorias como: o Pensar/Raciocinar e Atitude/Comportamento.

Tabela 1 – Frequência e porcentagem das respostas dos participantes de *escola pública*, de acordo com as categorias estabelecidas.

	Pensar		Fazer Transformar		Memória		Biológico		Atitude Comportamento	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Inteligência	15	65,2	3	13,0	3	13,0	5	21,7	2	8,7
Aluno inteligente	12	52,1	6	26,0	2	8,7	5	21,7	10	43,4
Criatividade	7	30,4	13	56,5	0	0	2	8,7	5	21,7
Aluno criativo	9	39,1	11	47,8	1	4,3	3	13,0	11	47,8

Na tabela 2, observa-se que os professores de escola particular percebem a Inteligência de uma maneira menos específica, englobando respostas nas categorias de Pensar/Raciocinar, Biológico e Atitudes/Comportamentos e, entendem como características do aluno inteligente, o Pensar/Raciocinar e Atitude/Comportamento, não deixando de mencionar também o aspecto Biológico de cada um.

Tabela 2 – Frequência e porcentagem das respostas dos participantes de *escola particular* de acordo com as categorias estabelecidas.

	Pensar		Fazer Transformar		Memória		Biológico		Atitude Comportamento	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Inteligência	7	46,6	3	20,0	4	26,6	6	40,0	6	40,0
Aluno inteligente	9	60,0	1	6,6	2	13,3	6	40,0	11	73,3
Criatividade	2	13,3	12	80,0	0	0	2	13,3	6	40,0
Aluno criativo	6	40,0	6	40,0	0	0	1	6,6	15	100

Já no que toca as duas últimas questões sobre Criatividade, pode-se observar nas duas tabelas, que os professores tanto de escola pública como de escola particular, percebem a Criatividade como um aspecto mais relacionado ao Fazer/Transformar. Ressalta-se que os participantes da escola particular, também enfatizaram as respostas na categoria de Atitude/Comportamento.

Para as características do aluno criativo os participantes de ambas as escolas, mesclaram as respostas nas categorias de Pensar/Raciocinar, Fazer/Transformar e Atitude/Comportamento, sendo que 100% dos professores de escola particular consideraram a Atitude/Comportamento como característica essencial do aluno criativo.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância da identificação da Criatividade e Inteligência na educação dos alunos, tanto de escolas públicas, quanto de escolas particulares, pôde-se identificar, que grande parte dos professores não oferece espaço e ambiente favorável para comportamentos que eles mesmos descreveram, como sendo de alunos inteligentes e alunos criativos aparecerem.

Dentro do cotidiano escolar pode-se perceber que raras vezes o professor procura expandir as capacidades pré-existentes. Em vez de a escola se valer das capacidades de cada um e expandi-las, os alunos são predominantemente, rotulados como deficientes. Parece haver uma dicotomia

entre o discurso docente, do que se espera e parece ter capacidade de perceber em seu alunado e da prática docente.

Uma parcela considerável dos professores leciona sempre da mesma maneira, sem considerar características individuais de cada aluno, como seu estilo de aprender mais presente. Esta prática pode não corroborar na promoção de um ambiente educacional 'salubre', em que comportamento, que estes mesmos docentes descrevem, como sendo de alunos criativos ou inteligentes, possam ser manifestado sem o receio de possíveis reflexos negativos quanto à conduta acadêmica, não apoiando o desenvolvimento de talentos, tão precioso e raro em nosso país.

Aos alunos, resta como último recurso, decorar os conteúdos ensinados, em vez de aprendê-los e, do ponto de vista neurobiológico, faz pouco sentido. Se o aluno não compreendeu algo bem, decorar irá fortalecer, precisamente, as conexões estabelecidas de forma equivocada, pois seguirá ativando-as. Desse modo, o erro se imprimirá cada vez mais fundo no cérebro. Para tanto, há apenas uma saída: a total modificação da metodologia empregada na explicação dos professores.

REFERENCIAS

ANDRÉS-PUEYO, A. Modelos psicométricos da inteligência. Em C.F. MENDOZA, R. COLOM. (Orgs). Introdução a Psicologia das Diferenças Individuais (pp. 73-99). RS: Artmed, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Brasília: autor, 1996.

CARROLL, J.B. Human Cognitive Abilities: A survey of factor-analytic studies. New York: Cambridge University Press, 1993.

CATTELL, R.B. Where is Intelligence? Some answers from the triadic theory. Em J.J MCARDLE, R.W. WOODCOCK (Eds.). Human Cognitive Abilities in Theory and Practice. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 29-38, 1998.

FERRARI, A., CACHIA, R., PUNIE, Y. Innovation and Creativity in Education and Training in the EU Member States: Fostering creative learning and supporting innovative teaching, 2009. Acesso em:

http://ftp.jrc.es/eurodoc/jrc52374_tn.pdf

FLANAGAN, D. P., MCGREW, K. S. A Cross-Battery Approach to Assessing and Interpreting Cognitive Abilities: narrowing the gap between practice and cognitive science. Em D.P.FLANAGAN, J. I. GENSHAF P.I. HARRISON (eds.). Contemporary Intellectual Assessment: theories, tests and issues. New York: Guilford Press, 1997.

GUSTAFSSON, J.E. Hierarchical Models of Individual Differences in Cognitive Abilities. Em R.J. Sternberg (Ed.). Advances in the Psychology of Human Intelligence. New Jersey: Erlbaum, pp.35-71, 1998.

HORN, J.L. Measurement of Intellectual Capabilities: A review of theory. Em K.S. MCGREW, J.K. WERDER, R.W. WOODCOCK. Woodcock-Johnson Technical Manual. Chicago: Riverside, pp.197-232, 1991.

KIM, K. H. Can We Trust Creativity Tests? A Review of the Torrance Tests of Creative Thinking (TTCT). Creativity Research Journal, 18, 1, pp.3-14, 2006. Recuperado em: http://people.uncw.edu/caropresoe/GiftedFoundations/SocialEmotional/Creativity-articles/Kim_Can-we-trust-creativity-tests.pdf

KLIN, P. Handbook of Psychological Testing (2a.ed.). London: Routledge, 2000.

MCGREW, K.S., FLANAGAN, D.P. The Intelligence Test Desk Reference (ITDR): Gf-Gc cross battery assessment. Boston: Allyn and Bacon, 1998.

PRIMI, R. Inteligência: Avanços nos modelos teóricos e nos Instrumentos de medida. Avaliação Psicológica, 1, 2, pp.67-77, 2003.

STRATTON, P., HAYES, N. Dicionário de Psicologia. SP: Pioniera Thomson Learning, 2003

TORRANCE, E. P., & TORRANCE, J. P. Pode-se Ensinar Criatividade? SP: EPU, 1974.

YEHIA, G. Y. A Natureza e o Conceito de Inteligencia. Em Marília Ancona-Lopez (org.). Temas Básicos de Psicologia: Avaliação da Inteligencia 1 (v.20-1). SP: EPU, 1987.

VANDENBOS, G. R. Dicionário de Psicologia (trad. Daniel Bueno, Maria Adriana Veríssimo Veronese, Maria Cristina Monteiro). Porto Alegre: Artmed, 2010.